

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA | DIRECTOR'S CUT
27 e 31 de Agosto de 2021

HOPPER/WELLES / 2020

Um filme de Orson Welles (e Gary Graver, Bob Murawski e Filip Jan Rymysz)

Realização: Orson Welles / Direcção de Fotografia: Gary Graver / Som: Bob Dietz e Jussi Tegelman / Montagem: Bob Murawski / Com Dennis Hopper e Orson Welles.

Produção: Royal Road – Grindhouse Releasing - Fixafilm / Produtor: Filip Jan Rymysz / Cópia: digital, preto e branco, com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 131 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Com a presença de Filip Jan Rymysz

Em Novembro de 1970, Orson Welles recebeu Dennis Hopper na sua casa de Los Angeles para uma longa conversa que na verdade era muito mais do que apenas “uma conversa”. Welles estava então a preparar **The Other Side of the Wind** (um filme que, como se sabe, não concluiu em vida) e punha a hipótese de convidar Hopper para um papel no filme. Welles tinha 55 anos e estava, desde há muito, praticamente proscrito em Hollywood; Hopper tinha 34 e, com o sucesso de **Easy Rider**, vivia o momento de maior celebridade na sua carreira, um sucesso que ele já presentia, e vê-se e ouve-se isso na entrevista (como um “death wish”?), que se iria desfazer completamente com a sua segunda longa-metragem, **The Last Movie**, que estava então, também, a preparar. Welles, que tinha com a geração da emergente “Nova Hollywood” uma relação, na melhor das hipóteses, muito ambígua, interessou-se por Hopper, em grande parte, por ele parecer, naquela época (1970, repetimos), a guarda avançada dessa nova geração. Como se, medindo o pulso de Hopper, pudesse medir o pulso daquela geração – de que, apesar da amizade e colaboração com Peter Bogdanovich, permaneceu sempre razoavelmente distante. E portanto, para além da genuína curiosidade de Welles, aquele encontro configurava uma espécie de duplo teste: um teste de carácter e um teste de casting.

Joseph McBride, que com o citado Bogdanovich (embora de forma mais “scholarly”) deve formar o par de mais pertinentes autoridades vivas sobre Welles, escreveu um artigo sobre **Hopper/Welles**, publicado no site de internet Wellesnet.com (para que vivamente reenviamos o leitor/espectador), onde dá conta do que seriam as intenções de Welles quando fez registar (com duas câmaras) a íntegra da sua conversa com Dennis Hopper. Segundo escreve McBride, a partir de confidências da filha de Orson, Beatrice Welles, a intenção do realizador nunca foi que a entrevista se transformasse num “filme”, mas que o registo da conversa lhe fornecesse material para um dos muitos projectos que lhe passavam pela ideia e que seria, neste caso, um documentário sobre Hopper. Projecto que nunca se concretizou, assim como Welles nunca montou ou deu forma acabada ao material da entrevista. Razão por que, no cabeçalho desta folha, dividimos a “autoria” por mais quatro personalidades: Gary Graver (cameraman e um dos principais colaboradores de Welles, se não o principal, nos seus últimos anos de trabalho), Bob Murawski, que chefiou a operação de montagem subjacente a esta “recuperação” do filme, e Filip Jan Rymysz, que supervisionou a produção de **Hopper/Welles**, tal como já havia feito recentemente na “recuperação” de **The Other Side of the Wind**. Dividir a autoria, neste caso, é sobretudo uma forma de frisarmos que aquilo que o espectador vai ver, embora “ensopado” pela presença de Welles (sempre em fora de campo, uma voz off trovejante) e nesse sentido um objecto “de Welles”, não é, enquanto filme acabado, algo a

que se possa liminarmente chamar “um filme de Orson Welles”.

Que não deixa, por isso, de conter aspectos profundamente wellesianos. E o suprassumo disso é o “teste de casting”. Convém ter a noção de que Welles está neste filme quase sempre “in character”, a assumir a personagem de Jake Hannaford, o realizador fascizante (e uma espécie de “duplo em negativo” de Welles) a que ele daria corpo em **The Other Side of the Wind**. Hopper está por dentro dessa jogada, visto que mais do que uma vez o vemos a tratar Welles por “Jake”. Mas nem Hopper, que é submetido a uma espécie de interrogatório massacrante e quase policial (ver o foco de luz que tantas vezes lhe é apontado directamente à cara), pode ter durante todo o tempo a noção exacta de quem é, a cada instante, o seu interlocutor: Welles ou Hannaford? Alguns dos momentos mais fascinantes do filme, que o levam para perto da performance teatral no limite de qualquer coisa, são aqueles em que o rosto do pobre Hopper (todos os segmentos da conversa em que Welles/Hannaford tenta puxar por uma definição política de um Hopper sempre renitente a ser claro sobre o assunto) parece completamente perdido, sem saber se está a responder a Orson Welles ou uma personagem que é deliberadamente a sua antítese, pelo menos ideologicamente. A ironia é que, conta McBride no referido texto, a muitos “reviewers” escapou (a capacidade de pensamento dissociativo vive uma grande crise nestes nossos tempos) a duplicidade da presença de Welles, e nem o facto de durante toda a vida Welles ter agido e intervindo em sentido resolutamente esquerdista, anti-fascista e anti-racista serviu de atenuante para que os mais paladinos (e também mais burros, como costumam ser os mais paladinos) se escandalizassem com o palavreado que sai da boca da figura interpretada (é o termo) por Orson Welles neste filme. Que o espectador desta sessão não cometa o mesmo erro: o que vai ver é “teatro”, e teatro (e gente) duma estirpe como o cinema nunca mais fez ou teve.

Luís Miguel Oliveira